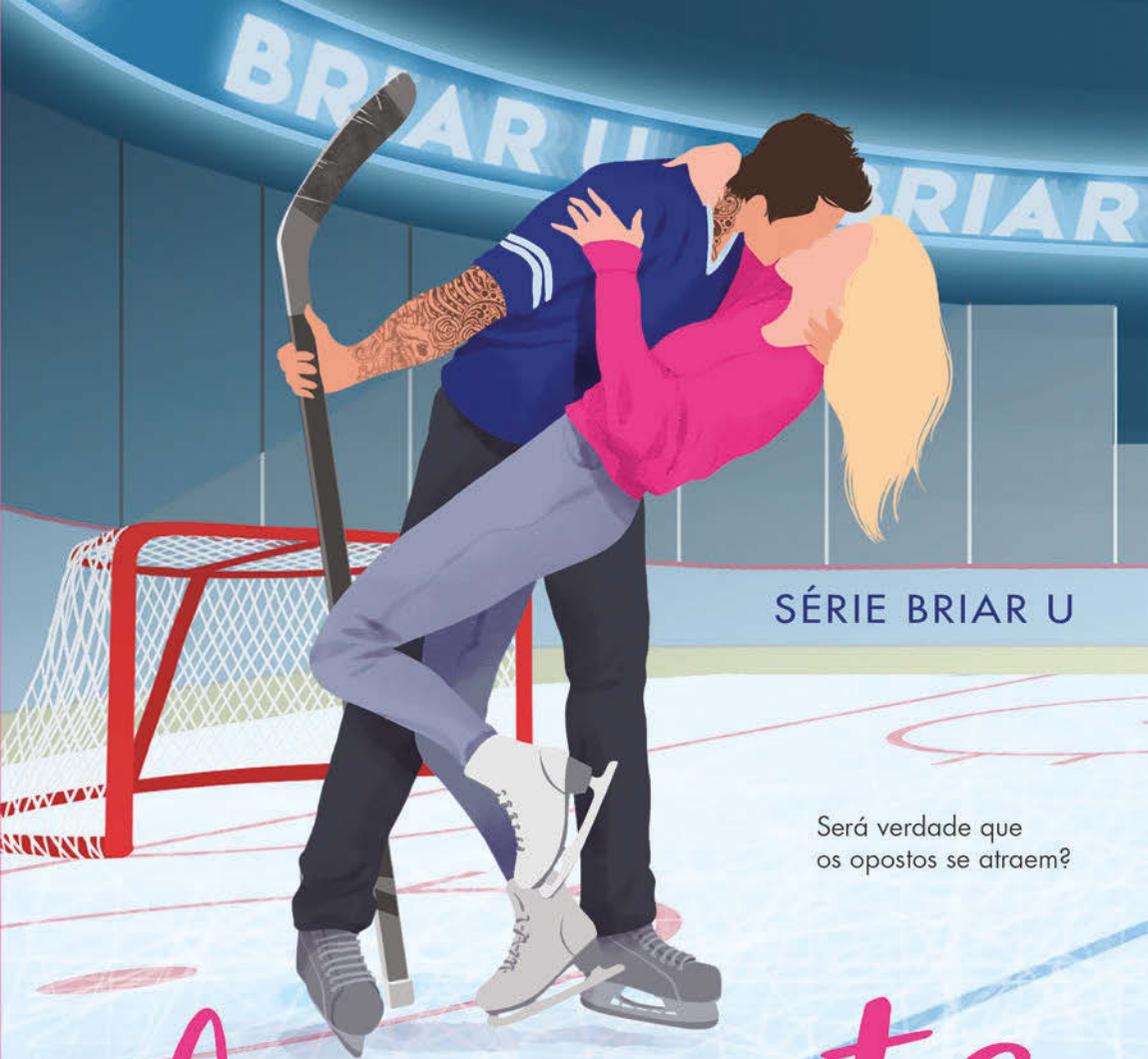


AUTORA BESTSELLER DA SÉRIE OFF-CAMPUS

ELLE KENNEDY



SÉRIE BRIAR U

Será verdade que os opostos se atraem?

# A Conquista

TOP  
SEL  
LER

# 1

## Summer

— Isto é alguma piada? — Fito com incredulidade as cinco raparigas que me estão a julgar. A cor de cabelo, a cor de pele e a cor de olhos delas divergem e, mesmo assim, não consigo distingui-las porque as suas expressões são idênticas. O remorso fingido deixa antever um ar sobranceiro, como se elas estivessem efetivamente desoladas com a notícia.

Mas elas estão a gostar disto.

— Lamento, Summer, mas não é nenhuma piada. — A Kaya oferece um sorriso de compaixão. — Fazemos parte do Comité de Normas e levamos bastante a sério a reputação da Kappa Beta Nu. Esta manhã recebemos a notícia da organização nacional...

— Ah, sim? Receberam a notícia? Eles enviaram um telegrama?

— Não, foi um e-mail — responde ela, e o sarcasmo passa-lhe completamente ao lado. Ela atira o cabelo reluzente por cima de um dos ombros. — Foi lembrado ao comité que todos os membros desta república feminina são obrigados a respeitar as normas de comportamento que ele estabelece, caso contrário a nossa república perde o lugar privilegiado que ocupa junto da organização nacional.

— *Temos* de adotar um comportamento adequado — intervém a Bianca, lançando-me um olhar suplicante. Das cinco cabras que tenho diante de mim, ela parece a mais razoável.

— Sobretudo depois daquilo que aconteceu à Daphne Kettleman — acrescenta uma rapariga de cujo nome não me recordo.

Deixo-me levar pela curiosidade.

— O que aconteceu à Daphne Kettleman?

— Coma alcoólico. — A quarta rapariga, julgo que se chama Hailey, baixa a voz para um sussurro e olha rapidamente em volta, como se pudesse haver um ou dois insetos escondidos na mobília antiga da sala de estar da mansão da Kappa.

— Ela teve de fazer uma lavagem ao estômago — revela triunfantemente a rapariga cujo nome não recordo, o que me leva a questionar se ela estará feliz por a Daphne Kettleman quase ter morrido.

A Kaya intervém, sem rodeios.

— Já chega de falar da Daphne. Não devias ter metido o nome dela ao barulho, Coral...

Coral! Exato. É esse o nome dela. E parece um nome tão parvo agora como pareceu quando ela se apresentou há quinze minutos.

— Não proferimos o nome da Daphne nesta casa — explica-me a Kaya.

Credo. Bastou uma mera lavagem ao estômago para a coitada da Kaya ser ostracizada como o Voldemort? A república Kappa Beta Nu da Universidade Briar é notoriamente mais rigorosa do que a delegação da Brown.

Por outras palavras, pretendem expulsar-me antes mesmo de ter entrado.

— Não é nada pessoal — prossegue a Kaya, lançando-me outro sorriso falso de consolação. — A nossa reputação é importantíssima para nós e, apesar de pertenceres a um legado...

— Um legado presidencial — saliento. *Ah! Toma lá, Kaya!* A minha mãe foi presidente da república Kappa no primeiro e no último ano de faculdade, e a minha avó também. A república Kappa Beta Nu e as mulheres Heyward andam de mãos dadas, tal como os abduzidos e os homens Hemsworth.

— Um *legado* — repete ela —, mas já não somos tão ligadas a esses laços ancestrais como dantes.

Laços ancestrais? Quem é que diz uma coisa dessas? Será que ela viajou no tempo e voltou a mil novecentos e troca o passo?

— Como disse, temos regras e políticas. E não saíste da república da Brown na melhor das condições.

— Não fui expulsa da Kappa — contraponho. — Fui expulsa da universidade.

A Kaya fita-me, incrédula.

— Isso é um orgulho para ti? Ser expulsa de uma das melhores universidades do país?

Respondo com os dentes cerrados:

— Não, não é um orgulho. Só estou a dizer que, tecnicamente falando, continuo a ser membro desta república.

— Talvez sim, mas isso não significa que possas viver nesta casa. — A Kaya cruza os braços à frente da camisola de lã branca.

— Estou a entender. — Imito a pose dela, só que também cruzo as pernas.

O olhar invejoso da Kaya assenta nas minhas botas *Prada* de pele preta, um presente da minha avó para festejar a minha admissão na Briar. Ri-me a valer quando abri a prenda ontem à noite. Não sei se a minha avó Celeste compreende que só vou frequentar a Briar porque fui expulsa da outra universidade. Quero dizer, aposto que compreende, só que se está a marimbar. A minha avó aproveita qualquer pretexto para comprar *Prada*. É a minha alma gémea.

— E só te ocorreu — prossigo, incomodada — dizeres-me isso *depois* de eu ter posto as tralhas todas na mala, de ter vindo de Manhattan até cá e de ter entrado pela porta da frente?

A Bianca é a única que tem a decência de parecer culpada.

— Pedimos muita desculpa, Summer. Mas, como disse a Kaya, a organização nacional só nos contactou esta manhã e depois tivemos de votar e... — Ela encolhe debilmente os ombros. — Desculpa — repete.

— Com que então vocês votaram e decidiram que não posso viver aqui?

— Sim — responde a Kaya.

Olho de relance para as outras pessoas.

— Hailey?

— Halley — corrige ela, com um tom de voz gélido.

Como queiram. Estão à espera de que me lembre dos nomes delas? Acabámos de nos conhecer.

— Halley. — Olho para a rapariga ao lado. — Coral. — E depois para a rapariga ao lado. Bolas. Não sei mesmo o nome desta. — Laura?

— Tawny — corrige ela.

E bola à trave!

— Tawny — repito, como quem pede desculpa. — Têm a certeza disso?

Recebo três acenos de cabeça.

— Fixe. Obrigada por me fazerem perder tempo. — Levanto-me, atiro o cabelo sobre um dos ombros e começo a passar o cachecol vermelho à volta do pescoço. Talvez demasiado vigorosamente, porque isso parece irritar a Kaya.

— Para de ser tão dramática — ordena ela num tom de voz sarcástico. — E não ajas como se a culpa fosse *nossa* por teres incendiado a tua antiga casa. Pedimos desculpa por não quereremos viver com uma *incendiária*.

Faço um esforço para controlar o meu mau feitio.

— Não incendiei nada.

— Não foi isso que as nossas irmãs da Universidade Brown disseram. — Ela comprime os lábios. — De qualquer forma, temos uma reunião aqui em casa dentro de dez minutos. Está na hora de ires.

— Outra reunião? Olhem só. Agenda cheia hoje!

— Estamos a organizar um evento de beneficência de véspera de Ano Novo esta noite para angariar dinheiro — responde a Kaya, rigidamente.

Ups. O erro foi meu.

— Qual é o evento?

— Oh. — A Bianca parece acanhada. — Estamos a angariar dinheiro para remodelar a cave aqui da mansão.

Oh, meu Deus. Afinal, *elas* é que são as beneficiárias do evento de beneficência?

— Então é melhor irem. — Com um sorriso de escárnio, agito os dedos num aceno de mão descontraído e saio da divisão.

No corredor, sinto as lágrimas a começarem a arder.

Quero que estas miúdas se vão lixar. Não preciso delas nem da sua estúpida república.

— Summer, espera.

A Bianca alcança-me junto às portas da frente. Esboço rapidamente um sorriso e pestanejo para afastar as lágrimas que começaram a acumular-se. Recuso-me a deixá-las verem-me chorar e sinto-me bastante aliviada por ter deixado a bagagem toda no carro e só ter trazido a minha mala de mão grande. Quão embaraçoso seria arrastar as malas todas de volta para o carro? A verdade é que seriam necessárias várias voltas, porque tenho mesmo muitas malas.

— Escuta — diz a Bianca com um tom de voz tão baixo que se torna difícil ouvi-la. — Devias considerar-te com sorte.

Arqueio as sobrancelhas.

— Por ser uma sem-abrigo? Claro, sinto-me abençoada.

Ela ri-se.

— O teu apelido é Heyward-Di Laurentis. Não és, nem nunca serás, sem-abrigo.

Sorriso, acanhada. Não posso contrapor.

— Mas estou a falar a sério — sussurra ela. — Não ias querer viver aqui. — Os seus olhos amendoados incidem na porta. — A Kaya parece um sargento. É o primeiro ano dela como presidente da Kappa e o poder subiu-lhe à cabeça.

— Já reparei — respondo, secamente.

— Devias ter visto o que ela fez à Daphne! Ela fala como se tivesse sido culpa do álcool, mas, na verdade, ela estava apenas com ciúmes porque a Daph dormiu com o ex-namorado dela, o Chris, por isso ela jurou fazer a vida da Daph um inferno. Num fim de semana em que a Daphne não estava, a Kaya «acidentalmente» — a Bianca usa aspas no ar — doou todas as roupas dela aos caloiros

que estavam a fazer a recolha para o evento anual de doação de roupas. A Daph acabou por abandonar a república e mudou de casa.

Começo a achar que o coma alcoólico foi a melhor coisa que podia ter acontecido à Daphne Kettleman, se a conseguiu tirar deste pardieiro.

— Tanto me dá. Pouco me importa se vivo aqui ou não. Foi como disseste, eu fico bem. — Adoto o tom de voz descontraído que tenho vindo a aperfeiçoar ao longo dos anos, para que ela perceba que nada me afeta.

É a minha armadura. Finjo que a minha vida é uma bela casa vitoriana e espero que ninguém espreite perto o suficiente para ver as fendas na minha fachada.

Mas, por mais convincente que seja diante da Bianca, é impossível travar a onda gigante de ansiedade que me assola assim que entro no carro cinco minutos depois. A minha respiração fica ofegante e a pulsação acelera, o que dificulta o meu raciocínio.

O que é suposto fazer agora?

Para onde devo ir?

Respiro fundo. *Está tudo bem. Está tudo bem.* Respiro fundo outra vez. Sim, eu hei de me safar. Safo-me sempre, certo? Estou constantemente a meter a pata na poça e encontro sempre uma forma de me desenrascar. Só preciso de pensar...

A canção «Cheap Thrills», da Sia, que escolhi como toque do telemóvel, começa a tocar. Graças a Deus.

Atendo rapidamente a chamada.

— Ei. — Cumprimento o meu irmão Dean, sentindo-me grata pela interrupção.

— Olá, Macaquinha. Só queria confirmar se chegaste inteira ao *campus*.

— Porque não havia de chegar?

— Sei lá. Podias ter fugido para Miami com um pretenso *rapper* de mochila às costas que apanhaste na autoestrada, ou aquilo a que gosto de chamar receita para se tornar vítima de um assassino em série. Oh, espera lá! Porra, já fizeste isso.

— Oh, meu Deus. Em primeiro lugar, o Jasper era aspirante a cantor de música *country* e não *rapper*. Em segundo lugar, estava com outras duas raparigas e íamos a caminho de Daytona Beach, não de Miami. Em terceiro lugar, ele nem sequer tentou tocar-me, quanto mais assassinar-me. — Suspiro. — Se bem que a Lacey foi para a cama com ele e apanhou herpes.

Um silêncio de incredulidade atinge-me os ouvidos.

— Dicky? — É a alcunha de infância que uso para chamar o Dean. Ele odeia. — Estás aí?

— Estou a tentar compreender porque é que julgas que a tua versão da história é *mais* agradável do que a minha. — Subitamente, ouço-o praguejar. — Ah, foda-se. Eu não me enrolei com a Lacey na tua festa dos 18 anos? — Segue-se uma pausa. — A viagem em que ela apanhou herpes teria acontecido *antes* dessa festa. Caramba, Summer! Quero dizer, eu usei proteção, mas um aviso teria sido simpático!

— Não, não te enrolaste com a Lacey. Deves estar a confundir com a Laney, com N. Deixei de ser amiga dela depois disso.

— Porquê?

— Porque ela dormiu com o meu irmão quando devia estar a passar tempo comigo na *minha* festa. Isso não foi fixe.

— É verdade. Foi egoísta.

— Pois.

Subitamente, ouve-se um estrondo do outro lado da linha. Parece tratar-se do vento ou de um motor de carro, e depois segue-se um buzinar contínuo.

— Desculpa — diz o Dean. — Estou a sair do apartamento. O meu Uber chegou.

— Aonde vais?

— Vou buscar a nossa roupa à lavandaria. O sítio aonde eu e a Allie vamos fica em Tribeca, mas são incríveis, por isso vale a pena o trajeto. Recomendo vivamente.

O Dean e a namorada vivem em West Village, Manhattan. A Allie admitiu que a zona é bastante mais sofisticada do que aquilo a que ela

está habituada, mas, no caso do meu irmão, ele passou de cavalo para burro. A *penthouse* da nossa família fica em Upper East Side e ocupa os três últimos andares do nosso hotel, o Heyward Plaza. Mas o novo prédio do Dean é perto da escola privada onde ele dá aulas e, uma vez que a Allie tem um papel de relevo num programa televisivo que é gravado em diferentes zonas de Manhattan, o local é conveniente para os dois.

Deve ser bom para eles ter um lugar para morar.

— Já estás bem instalada na tua casa da Kappa?

— Nem por isso — confesso.

— Por amor de Deus, Summer. O que é que fizeste?

Fico de queixo caído, indignada. Porque é que a minha família assume sempre que eu *fiz* algo de errado?

— Não fiz nada — respondo, rigidamente. Mas depois a derrota enfraquece a minha voz. — Elas acham que alguém como eu não é benéfica para a reputação da república. Uma delas disse que eu era uma incendiária.

— Quero dizer — responde o Dean, sem o mínimo tato. — Até és.

— Vai-te lixar, Dicky. Foi um acidente. Os incendiários causam incêndios propositadamente.

— Então és uma incendiária por acidente. A Incendiária Acidental. É um ótimo nome para um livro.

— Ótimo. Então vai escrevê-lo. — Estou-me a borrifar se soo cínica ou não. Sinto-me sarcástica e tenho os nervos em franja. — Pronto, elas expulsaram-me e agora tenho de descobrir onde raio vou viver este semestre. — Sinto um nó na garganta que parece vir do nada e solto um soluço quase engasgado.

— Estás bem? — pergunta o Dean, de imediato.

— Não sei. — Engulo em seco. — Eu... isto é ridículo. Não sei porque estou chateada. Estas raparigas são horríveis e eu não teria gostado de viver com elas. Quero dizer, é véspera de Ano Novo e estão todas no *campus*! Vão fazer um evento de beneficência em vez de irem para uma festa. Não é a minha cena.

Deixo de conseguir controlar as lágrimas que tenho estado a conter. Duas lágrimas grossas correm-me pela face e fico aliviada por o Dean não estar aqui para ver. Já é suficientemente mau ele conseguir *ouvir-me* a chorar.

— Lamento, Macaquinha.

— Tanto me faz. — Limpo as lágrimas, irritada. — Não importa. Não vou chorar por causa de umas miúdas maldosas e de uma casa à pinha. Não vou deixar que isso me afete. A Selena Gomez deixaria que isto *a* afetasse? Claro que não.

Segue-se uma interrogação confusa.

— A Selena Gomez?

— Sim. — Ergo o queixo. — Ela é um símbolo de classe e pureza e eu tento imitá-la. No que toca à personalidade. Como é óbvio, no que toca ao estilo, vou sempre tentar ser a Coco Chanel, mas nunca vou conseguir, porque ninguém consegue ser a Coco Chanel.

— Como é óbvio. — Ele faz uma pausa. — A que era da Selena Gomez te referes? A era do Justin Bieber ou do The Weeknd? Ou a segunda era do Bieber?

Franzo os olhos para o telemóvel.

— Essa pergunta é a sério?

— O quê?

— Uma mulher não se define pelos namorados. Define-se pelas conquistas. E pelos sapatos.

O meu olhar incide nas minhas novas botas oferecidas pela avó Celeste. Pelo menos, arrasei no departamento dos sapatos.

Quanto ao resto, nem por isso.

— Acho que posso pedir ao pai para ligar à direção para saber se há vagas em alguma das residências universitárias. — Uma vez mais, sou assolada por um sentimento de derrota. — Mas não quero fazer isso. Ele já teve de puxar uns cordelinhos para me meter na Briar.

E prefiro não viver numa residência, se tiver alternativa. Partilhar uma casa de banho com outras doze raparigas é o meu pior pesadelo. Fui obrigada a fazê-lo na casa da Kappa na Brown, mas o facto de ter um quarto só para mim fez com que a questão da casa

de banho fosse mais fácil de digerir. E é quase impossível haver um quarto individual nas residências nesta fase do ano acadêmico.

Gemo baixinho.

— O que devo fazer?

Tenho dois irmãos mais velhos que nunca perdem a oportunidade de me espicaçar ou envergonhar, mas, por vezes, exibem momentos raros de compaixão.

— Não liguês ao pai ainda — diz o Dean, bruscamente. — Deixa-me ver o que consigo fazer primeiro.

Franzo a testa.

— Não sei se há alguma coisa que possas fazer.

— Não lhe liguês para já. Tenho uma ideia. — Do outro lado da linha ouve-se o guinchar dos pneus. — Espera um segundo. Obrigadinho, bacano. Uma viagem cinco estrelas, sem dúvida. — Ouço uma porta de carro a bater. — Summer, de qualquer forma vais voltar esta noite para a cidade, certo?

— Não estava a contar voltar — admito —, mas parece que agora não tenho outra hipótese. Tenho de ir para um hotel em Boston até arranjar um sítio para viver.

— Não me referia a Boston, mas sim Nova Iorque. O semestre só começa daqui a umas semanas. Pensava que ias ficar na *penthouse* até lá.

— Não. Eu queria desfazer as malas e assentar arraiais e tudo o mais.

— Bem, hoje não vai ser e esta noite é véspera de Ano Novo, por isso mais vale vires para casa celebrar comigo e com a Allie. Também vão lá vários antigos colegas de equipa meus.

— Tipo quem? — pergunto, curiosa.

— O Garrett está na cidade por causa de um jogo, por isso também vai. E também vai a atual equipa da Briar. Conheces alguns deles... o Mike Hollis e o Hunter Davenport. Na verdade, o Hunter andou no Colégio Roselawn, julgo que andava no ano anterior ao meu. E o Pierre e o Corsen, mas acho que não chegaste a conhecê-los. E o Fitzy...

O meu coração palpita.

— Eu lembro-me do Fitzy — respondo tão descontraidamente quanto consigo, ou seja, muito pouco. Até eu consigo detetar o entusiasmo na minha voz.

Mas quem é que pode culpar-me? Fitzy é diminutivo de Colin Fitzgerald, e acontece que ele é O UNICÓRNIO. O homem unicórnio alto, sexy, tatuado e jogador de hóquei por quem sou capaz de ter uma pequenina paixoneta.

Pronto, está bem.

Uma paixoneta valente.

Ele é tão... mágico. Mas é igualmente inacessível. Os amigos do Dean que jogam hóquei costumam atirar-se a mim quando me conhecem, mas o Fitz não. Conheci-o no ano passado quando fui visitar o Dean à Briar, e o rapaz mal olhou na minha direção. Quando voltei a vê-lo na festa de aniversário do Logan, o amigo do Dean, ele disse-me umas dez palavras... e tenho quase a certeza de que essas palavras foram «olá, como estás?» e «adeus».

Ele é desesperante. Não que eu esteja à espera de que todos os homens das redondezas caiam aos meus pés, mas eu *sei* que ele se sente atraído por mim. Já reparei na forma como os seus olhos castanhos faíscam quando ele olha para mim. Chegam até a arder.

A não ser que esteja apenas a ver o que quero ver.

O meu pai tem uma expressão muito pomposa que afirma: «A perceção e a realidade são completamente opostas. A verdade costuma estar algures pelo meio.» O meu pai usou essa frase uma vez no fecho de um julgamento de homicídio e agora usa-a sempre que se aplique remotamente a uma situação.

Se a verdade está algures entre a indiferença que o Colin me demonstra (ele odeia-me) e o ardor que vejo nos olhos dele (o desejo que sente por mim), então... é dividir a diferença e afirmar que ele me vê como amiga?

Comprimo os lábios.

Não. Claro que não. Recuso-me a ser rotulada como amiga antes mesmo de ter feito um avanço.

— Vais divertir-te — diz o Dean. — Além disso, há séculos que não passamos a véspera de Ano Novo juntos. Por isso, vem ter a Nova Iorque e envia-me uma mensagem quando chegares. Já estou na lavandaria. Tenho de ir. Adoro-te.

Ele desliga e eu continuo com um sorriso tão aberto que é difícil imaginar que há cinco minutos estava a chorar. O Dean pode ser um chato na maior parte do tempo, mas é um bom irmão mais velho. Apoia-me quando preciso dele e é só isso que importa.

E — louvado seja o Senhor! — agora tenho o convite para uma festa. Não há nada melhor do que uma festa depois de um dia de merda. Estou a precisar desesperadamente disto.

Olho para o relógio. É uma da tarde.

Faço rapidamente contas de cabeça. O *campus* da Briar fica a uma hora de Boston. De lá, tenho de fazer uma viagem de carro até Manhattan que demora três horas e meia, quiçá quatro. O que quer dizer que só chego à cidade à noite e vou ficar com pouco tempo para me preparar. Se vou ver o meu unicórnio esta noite, tenciono aperaltar-me da cabeça aos pés.

O rapaz nem vai perceber o que o atingiu.

## 2

### Fitz

— Danças comigo?

Quero dizer que não.

Mas também quero dizer que sim.

Chamo a isto o Dilema da Summer. As reações opostas e frustrantes que esta deusa de olhos verdes e cabelo dourado desperta em mim.

*Raios, sim e bolas, não.*

Despir-me com ela. Fugir para bem longe dela.

— Obrigado, mas não gosto de dançar. — Não estou a mentir. Detesto dançar.

Além disso, no que toca à Summer Di Laurentis, o meu instinto de fuga vence sempre.

— És uma seca, Fitzy. — Ela produz um som de desagrado e o meu olhar recai nos seus lábios. Grossos, cor-de-rosa e brilhantes, com um sinal pequeno por cima do lado esquerdo da boca.

É uma boca extremamente sensual.

Raios, tudo na Summer é sensual. É, sem dúvida, a rapariga mais bonita do bar, e todos os rapazes que estão por perto estão a cobiçá-la ou a lançar-me um olhar fulminante por estar com ela.

Quero dizer, eu não estou *com* ela. Não estamos juntos. Só estou ao lado dela com uns centímetros de distância a separar-nos. Centímetros esses que a Summer continua a encurtar, inclinando-se na minha direção.

Em sua defesa, ela quase tem de gritar ao meu ouvido para que eu consiga ouvi-la por causa da música de dança eletrônica aos altos berros que enche a sala. Detesto EDM e não gosto deste tipo de bares porque têm pista de dança e música ensurdecadora. Porque é que se põem com rodeios? Basta chamarem discoteca ao vosso estabelecimento, se é isso que querem ser. Mais valia o dono do Bar do Gunner ter-lhe dado o nome Discoteca do Gunner. Assim eu podia ter-me ido embora mal vi a tabuleta e poupava os meus tímpanos.

Não é a primeira vez esta noite que amaldiçoo os meus amigos por me arrastarem para Brooklyn na véspera de Ano Novo. Preferia estar em casa, a beber uma cerveja ou duas e a ver a contagem decrescente na televisão. Eu sou mesmo assim.

— Eles avisaram-me de que és um velho rabugento, mas não acreditei até agora.

— Quem são *eles*? — pergunto, desconfiado. — Espera lá. Não sou um velho rabugento.

— Hum, tens toda a razão. Esse termo já está obsoleto. Diria mais resmungão.

— Não digas.

— Desmancha-prazeres? Está melhor assim? — A expressão dela é de pura inocência. — A sério, Fitz, o que tens contra a diversão?

Involuntariamente, abro um sorriso.

— Não tenho nada contra a diversão.

— Tudo bem. Então o que tens contra *mim*? — pergunta ela, em tom de desafio. — Porque sempre que tento falar contigo, tu foges.

O meu sorriso esmorece. Não devia ficar admirado por ela me chamar à atenção em público. Só nos vimos duas vezes, mas chegou perfeitamente para perceber que ela gosta de drama.

Eu odeio drama.

— Também não tenho nada contra ti. — Encolho os ombros e afasto-me do balcão, preparado para fazer aquilo de que ela me acusa: fugir.

Um brilho de frustração enche-lhe os olhos. São grandes e verdes, da mesma cor dos olhos do seu irmão mais velho, o Dean.

E o Dean é o motivo pelo qual decido pôr um travão. Ele é um bom amigo. Não posso ser um imbecil com a irmã dele, por respeito e por temer pelo meu bem-estar. Já estive no gelo com o Dean quando ele solta as garras. E ele tem um gancho de direita do caraças.

— Estou a falar a sério — respondo, bruscamente. — Não tenho nada contra ti. Estamos bem.

— O quê? Não ouvi a última parte — diz ela, sobrepondo a sua voz à música.

Baixo a boca na direção do ouvido dela e fico admirado por mal precisar de dobrar o pescoço. Ela é mais alta do que a maioria das raparigas, deve ter à volta de um metro e setenta e cinco ou um metro e setenta e sete, e, uma vez que tenho um metro e oitenta e sete e costumo ser muito mais alto do que as mulheres, considero isto refrescante.

— Eu disse que estávamos bem — repito, mas sou capaz de ter avaliado mal a distância entre os meus lábios e o ouvido da Summer. Os dois colidem e sinto um arrepio a percorrer-lhe as costas.

Também me arrepio, porque a minha boca está muito próxima da dela. O seu cheiro é divinal, uma espécie de combinação fascinante de flores, jasmim, baunilha e... será sândalo? Um homem podia ficar ganzado com essa fragrância. E nem me façam falar do vestido dela. Branco, sem alças e curto. Tão curto que mal lhe chega às coxas.

Porra, Deus me valha.

Endireito rapidamente as costas antes de fazer uma parvoíce qualquer, como beijá-la. Em vez disso, bebo um gole demorado de cerveja. Só que desce pelo cano errado e começo a tossir como se fosse um doente de tuberculose do século XVIII.

Bela jogada.

— Estás bem?

Quando o ataque de tosse para, deparo-me com aqueles olhos verdes fixados em mim. Ela tem os lábios curvados num sorriso demoníaco. E sabe ao certo o que me deixou atrapalhado.

— Estou — respondo, ao mesmo tempo que três fulanos se aproximam do balcão, chocando contra a Summer.

Ela tropeça e, quando dou por mim, tenho uma mulher linda e bem-cheirosa nos braços.

Ela ri-se e agarra-me na mão.

— Vamos sair do meio da multidão antes que fique com nódoas negras.

Por algum motivo, deixo que ela me puxe.

Acabamos junto a uma mesa alta perto do corrimão que separa a sala principal da pequena pista de dança do bar. Dou uma olhadela em redor e apercebo-me de que a maior parte dos meus amigos está completamente bêbeda.

O Mike Hollis, o meu colega de casa, está agarrado a uma morena gira que não parece estar minimamente incomodada com isso. Foi ele quem insistiu em irmos de carro até Brooklyn em vez de ficarmos na zona de Boston. Ele queria passar a véspera de Ano Novo com o Brody, o irmão mais velho, que desapareceu assim que chegámos. Suponho que a rapariga seja o prémio de consolação do Hollis por ter levado uma tampa do irmão.

O Hunter, o nosso outro colega de casa, está a dançar com três raparigas. Sim, três. Estão todas a lamber-lhe a cara e tenho quase a certeza de que uma tem a mão dentro das calças dele. O Hunter, obviamente, está a adorar.

A diferença que um ano faz. Na estação passada, tanta atenção feminina deixava-o desconfortável e ele dizia que o fazia sentir-se reles. Agora, parece estar à vontade para tirar partido das vantagens de jogar hóquei na Universidade Briar. E, acreditem em mim, são bastantes.

Sejamos sinceros. Os atletas são os gajos mais apetecíveis na maior parte dos *campus* universitários. Se pertencermos a uma faculdade com equipa de futebol, o mais provável é haver uma fila de perseguidoras a implorar para fazer um broche ao *quarterback*. O grupo de fãs duplica ou triplica de tamanho quando chega a Loucura de Março. E na Universidade Briar, com uma equipa de hóquei que venceu doze campeonatos do Frozen Four e tem mais jogos televisivos transmitidos ao nível nacional do que qualquer outra universidade do país? Os jogadores de hóquei são considerados deuses.

Exceto eu, claro. Sim, eu jogo hóquei. E sou bom. Mas «deus», «atleta» e «superestrela» são termos com os quais nunca me senti confortável. No fundo, sou um grande *nerd*. Um *nerd* que se faz passar por deus.

— O Hunter tem lábia. — A Summer estuda as acompanhantes do Hunter.

O DJ deixou de passar lixo eletrônico e começou a tocar músicas dos quarenta maiores sucessos musicais. Abençoado seja. Também baixou o volume, provavelmente a antecipar a contagem decrescente que se aproxima. Mais trinta minutos e posso bazar.

— Pois tem — concordo.

— Estou impressionada.

— Ah, sim?

— Sem dúvida. Os rapazes de Greenwich costumam ser secretamente pudicos.

Como é que ela sabe que o Hunter é do Connecticut? Acho que não os vi trocarem mais do que umas palavras esta noite. Talvez o Dean lhe tenha dito? Ou talvez...

Ou talvez não importe de todo como é que ela sabe, porque, se importasse, isso queria dizer que o formigueiro estranho que sinto no peito são ciúmes. E isso, sejamos sinceros, é inaceitável.

A Summer volta a percorrer a multidão com o olhar e empalidece.

— Oh, meu Deus. Que nojo. — Ela posiciona as mãos como se estivesse a segurar num microfone e grita: — Guarda a língua dentro da boca, Dicky!

Desato a rir. É impossível o Dean ter ouvido aquilo, mas ele talvez possua alguma espécie de radar de irmãos, porque, abruptamente, afasta os lábios dos lábios da namorada, girando a cabeça na nossa direção. Quando avista a Summer, levanta-lhe o dedo do meio.

Ela sopra um beijo em resposta.

— Ainda bem que sou filho único — observo.

Ela lança-me um sorriso.

— Não, tu é que ficas a perder. Azucrinar os meus irmãos é um dos meus passatempos preferidos.

— Já reparei. — Ela trata o Dean por «Dicky», uma alcunha de infância que uma pessoa decente teria parado de usar há anos.

Se bem que o Dean trata a Summer por «Macaquinha», por isso talvez ela tenha justificação para o torturar.

— O Dicky merece ser atormentado esta noite. Nem acredito que viemos a uma festa em *Brooklyn* — resmungo ela. — Quando ele disse que íamos passar a véspera de Ano Novo na cidade, assumi que seria em Manhattan, mas depois ele e a Allie arrastaram-me antes para Brooklyn, esta cidade horrível. Sinto-me enganada.

Rio-me.

— Qual é o mal de Brooklyn? O pai da Allie vive aqui, certo?

A Summer assente com a cabeça.

— Eles vão passar o dia com ele amanhã. E respondendo à tua pergunta... o que é que Brooklyn *não* tem de mal? Dantes era fixe, antes de ser invadida por *hipsters*.

— Os *hipsters* ainda existem? Pensava que esse disparate já tinha acabado.

— Bolas, não. E não deixes que te convençam do contrário. — Ela estremece em sinal de gozo. — Esta zona continua repleta deles.

Ela fala no plural como se fossem portadores de alguma doença terrível e incurável. Mas talvez tenha uma certa razão. Basta uma análise minuciosa da multidão para notar uma grande quantidade de peças de roupa vintage, homens vestidos com calças de ganga dolorosamente apertadas, acessórios retro juntamente com telemóveis brilhantes e um sem-número de barbas.

Esfrego a barba e questiono-me se, por causa dela, me enquadro na categoria de *hipster*. Tenho andado de barba o inverno todo, sobretudo porque confere um bom isolamento do tempo agreste que temos tido. Na semana passada fomos atingidos por um dos piores ciclones que alguma vez vi. Os meus tomates quase congelaram.

— São tão... — Ela procura a palavra certa. — Idiotas.

Não consigo deixar de me rir.

— Nem todos.

— A maioria — diz ela. — Estás a ver aquela rapariga ali? Com tranças e franja? Está a usar um casaco *Prada* que custa milhares de dólares e conjugou-o com uma camisola sem alças que custa cinco dólares, e que provavelmente comprou no Exército de Salvação, e aqueles mocassins estranhos com borlas que vendem em Chinatown. É uma autêntica fraude.

Arqueio a sobrancelha.

— Como é que sabes que o casaco custa milhares de dólares?

— Porque tenho um igual em cinzento. Além disso, consigo distinguir uma peça *Prada* entre dezenas de peças.

Não duvido disso. Provavelmente vestiram-lhe um *body* de estilista assim que saiu do útero da mãe. A Summer e o Dean vêm de uma família rica. Os pais deles são advogados conceituados que já eram ricos antes de darem o nó, só que agora são podres de ricos e provavelmente podiam comprar um país pequeno sem sequer fazer mozza na sua conta bancária. Dormi na *penthouse* de Manhattan deles algumas noites e foi surreal. Também têm uma mansão em Greenwich, uma casa de praia e um monte de outras propriedades espalhadas por todo o mundo.

Já eu, mal consigo juntar dinheiro para pagar a renda da casa que partilho com outros dois rapazes. Mas continuamos à procura de um quarto colega de casa, por isso o valor da renda que tenho de pagar vai diminuir quando preencheremos esse quarto vazio.

Não vou mentir. O facto de a Summer viver em *penthouses* e ter roupas que custam milhares de dólares é um tanto perturbador.

— Enfim, os *hipsters* são uma porcaria, Fitzy. Não, obrigada. Preferia... ooh! *Adoro* esta canção! Recebi passes de bastidores para o espetáculo dela no The Garden em junho passado e foi *incrível*.

*O défice de atenção dela está a bater-lhe com força, meu amigo.*

Escondo um sorriso quando a Summer abandona completamente a sua chacina aos *hipsters* e começa a agitar a cabeça ao som de uma canção da Beyoncé. O seu rabo de cavalo alto balança com força.

— Tens a certeza de que não queres dançar? — pede ela.

— Absoluta.

— És do piorio. Já volto.

Pestanejo e ela desaparece. Pestanejo novamente e avisto-a na pista de dança, com os braços no ar, o rabo de cavalo a balançar e as ancas a moverem-se ao som da batida.

Não sou o único que a está a observar. Alguns olhos cobiçosos viram-se na direção da rapariga bonita de vestido branco. A Summer não repara ou não se importa. Vejo-a dançar sozinha, sem o menor vestígio de embaraço. Está completamente confortável na sua pele.

— Meu Deus — comenta o Hunter Davenport, aproximando-se da mesa. À semelhança da maioria dos homens à nossa volta, ele está a olhar para a Summer com uma expressão que só pode ser descrita como pura cobiça.

— Parece que ela não se esqueceu de nenhum dos antigos movimentos de *cheerleader*. — O Hunter lança outro olhar apreciativo na direção da Summer. Quando repara na minha expressão confusa, acrescenta: — Ela era *cheerleader* na escola secundária. E também era membro da equipa de dança.

Quando é que ele e a Summer encetaram uma conversa assim tão longa para ele estar a par destes pormenores?

Volto a sentir uma sensação desconfortável de formigueiro que, desta vez, me percorre a espinha.

Mas não são ciúmes.

— *Cheerleading* e dança, hem? — pergunto, descontraidamente. — Ela contou-te isso?

— Andámos na mesma escola secundária — revela ele.

— Não me digas.

— Sim. Eu estava no ano anterior ao dela, mas acredita em mim, todos os heterossexuais com uma pila funcional conheciam as rotinas atléticas da Summer Di Laurentis.

Aposto que sim.

Ele dá-me uma palmada no ombro.

— Vou à casa de banho e depois vou buscar outra bebida. Queres alguma coisa?

— Estou bem.

Não sei porquê, mas sinto-me aliviado por o Hunter já não estar presente quando a Summer regressa à mesa com as faces afogeadas do exercício.

Apesar das temperaturas baixas lá fora, ela optou por não usar collants e, como diria o meu velhote, tem pernas a dar com um pau. Pernas magníficas, compridas e suaves que provavelmente ficariam tremendamente sensuais em volta da minha cintura. E o vestido branco favorece o seu acentuado bronze dourado, dando-lhe um ar brilhante e saudável que é quase hipnotizante.

— Então tu... — Pigarreio. — Vens para a Briar este semestre, não é? — pergunto, tentando distrair-me do seu corpo fabuloso.

Ela acena com a cabeça, entusiasmada.

— Vou!

— Vais sentir falta de Providence? — Sei que ela passou o primeiro e o segundo anos na Brown, mais um semestre no terceiro ano, o que constitui metade da sua vida académica. Se fosse eu, odiaria começar de novo noutra faculdade.

Mas a Summer abana a cabeça.

— Nem por isso. Não era grande fã da cidade, nem da faculdade. Só fui para lá porque os meus pais queriam que me formasse numa faculdade da Ivy League, e não fui admitida em Harvard nem em Yale, as faculdades onde eles andaram. — Ela encolhe os ombros. — Querias ir para a Briar?

— Sem dúvida. Tinha ouvido dizer maravilhas do programa de Belas-Artes. E, como é óbvio, o programa de hóquei é espetacular. Ofereceram-me uma bolsa completa e posso estudar uma área de que gosto mesmo, por isso... — Encolho os ombros em resposta.

— É tão importante. Fazer aquilo de que gostas, quero eu dizer. Há muitas pessoas que não têm essa oportunidade.

Deixo-me levar pela curiosidade.

— O que adoras fazer?

O sorriso dela é autodepreciativo.

— Eu digo-te quando souber.

— Vá lá, tem de haver alguma coisa que te apaixonar.

— Bem, *há* coisas que me apaixonam... design de interiores, psicologia, ballet, natação. O problema é que nunca dura muito. Perco o interesse rapidamente. Ainda não descobri uma paixão duradoura, diria eu.

A sinceridade dela surpreende-me um pouco. Ela parece muito mais terra a terra esta noite em comparação com as outras vezes em que estivemos juntos.

— Tenho sede — anuncia ela.

Contenho a vontade de revirar os olhos, uma vez que tenho a certeza de que isso é um código para *vai comprar-me uma bebida*. Só que não é. Com um sorriso malandro, ela tira-me a cerveja da mão.

Os nossos dedos tocam-se por breves instantes e eu finjo não reparar no choque elétrico que me percorre o braço. Observo-a a envolver a garrafa de *Bud Light* com os dedos e a beber um gole demorado.

Tem mãos pequenas e dedos delicados. Seria desafiante desenhá-los, capturar a combinação intrigante de fragilidade e segurança. As suas unhas são curtas, arredondadas e têm pontas francesas brancas, ou seja lá o que for que lhes chamem, um estilo que parece demasiado simples para alguém como a Summer. Eu esperaria unhas compridas pintadas de cor-de-rosa ou qualquer outro tom pastel.

— Estás a fazer isso outra vez. — O tom de voz dela é acusatório. E um pouco irritado também.

— A fazer o quê?

— A pensar na morte da bezerra. A ser rabugento.

— Essa expressão não existe.

— Quem disse? — Ela bebe outro gole de cerveja. O meu olhar cola-se de imediato aos lábios dela.

Caramba, tenho de parar com isto. Ela não faz o meu tipo. Quando a conheci, tudo nela gritava *miúda de república*. As roupas de marca, o cabelo louro com um número infundável de ondas, um rosto capaz de fazer parar o trânsito.

Eu também não devo ser o tipo dela. Não faço a menor ideia porque decidi passar a véspera de Ano Novo a conversar com um gajo tatuado e mal-amanhado como eu.

- Desculpa, não sou muito falador. Não leves a peito, está bem?
- Roubo-lhe a minha garrafa.
- Está bem, não levo. Mas se não te apetece falar, pelo menos entretém-me de outras formas. — Ela encosta as mãos às ancas.
- Proponho uma curte.

# 3

## Fitz

Uma vez mais, engasgo-me a meio de um gole.

Valha-me Deus. Ela disse mesmo isso?

Olho-a de relance e ela mantém uma sobrancelha perfeita arqueada enquanto espera pela minha resposta. Sim. Ela disse-o mesmo.

— Hum... tu queres, hum... — Volto a tossir.

— Oh, relaxa! — A Summer solta uma gargalhada. — Era uma piada.

Semicerro os olhos.

— Uma piada — repito. — Então não tens o menor interesse em curtir comigo? — Por que raio estou a desafiá-la? O meu pénis estremece por trás do fecho-éclair, um aviso de que não devia estar a alimentar a ideia de beijar a Summer.

— Quero dizer, não seria o fim do mundo se o fizéssemos — diz ela, piscando-me o olho. — E é sempre bom ter alguém para dar um beijo à meia-noite. Mas estava a gozar. Só gosto de te fazer corar.

— Eu não coro — contraponho, porque sou gajo e os gajos não andam para aí a professar que coram.

A Summer assobia.

— Coras, sim! Estás a corar agora.

— Oh, a sério? Consegues ver o suposto rubor mesmo com esta barba a tapar? — Esfrego o rosto em jeito de desafio.

— Hum-hum. — Ela estica o braço e afaga-me a face acima da barba densa. — Aqui mesmo.

Engulo em seco. O meu pénis estremece novamente.

Odeio sentir-me tão atraído por ela.

— Fitzy — sussurra-me ela ao ouvido, e a minha pulsação acelera desenfreadamente. — Acho que nós...

— Porra, feliz Ano Novo!

Salvo pelo Hollis.

O meu amigo lança-se a nós e deposita um beijo húmido na face da Summer. Eles só se conheceram esta noite, mas ela não parece ofendida com o beijo, apenas um tanto divertida.

— Antecipaste-te vinte minutos com os festejos — informa ela.

— E tu não tens uma bebida na mão! — Ele lança-lhe um olhar desaprovador. — Porque é que ela não tem uma bebida na mão? Alguém dê uma bebida a esta linda mulher!

— Não costumo beber muito — protesta a Summer.

— Tanga. — O Dean ri-se. Ele e a namorada, a Allie Hayes, vieram para ao pé de nós. — Estavas com uma piela quando incendiaste a casa da república.

— Incendiaste a casa de uma república? — pergunta uma voz familiar.

O Dean dá meia-volta.

— G! — exclama ele. — Chegaste mesmo em cima da hora!

— Sim, estivemos quase para não vir — diz o Garrett Graham, aproximando-se da mesa. — Havia uma fila de dez carros na ponte. Fiquei lá parado quase uma hora antes de o trânsito começar a circular outra vez.

— Han-Han! — diz a Allie, animada, atirando os braços à volta da Hannah Wells. A Hannah é namorada do Garrett, mas também é a melhor amiga da Allie. — Estou tão contente que tenhas vindo!

— Eu também! Feliz Véspera de Ano Novo.

— Feliz Véspera do Garrett — corrige o namorado dela.

— Meu — responde a Hannah —, cala-te com isso. Não vou dizer isso.

A Summer ri-se.

— Véspera do Garrett?

O Dean revira os olhos perante o comentário do nosso antigo capitão de equipa.

— Idiota presunçoso. — Ele lança um olhar de relance à irmã. — Ele faz anos no dia de Ano Novo.

— O Dia do Garrett — responde automaticamente o G, antes de se virar para me cumprimentar a mim, ao Hollis e aos outros rapazes da equipa que fizeram a viagem até Brooklyn. A Summer recebe um abraço rápido e um beijo na face. — É bom ver-te, Summertime. Incendiaste a casa de uma república?

— Oh, meu Deus. Não. Não incendiei nada! — Ela lança um olhar carrancudo ao irmão.

— Meu, estão todos a olhar para ti — diz subitamente o Hollis, lançando um sorriso ao Garrett.

O Hollis tem razão. Há várias cabeças viradas na nossa direção. A maior parte das pessoas do bar está demasiado embriagada para prestar muita atenção àquilo que a rodeia, mas algumas delas reconheceram o Garrett. Ele faz parte de uma das temporadas de novatos mais explosivas da história dos Bruins, por isso não me admira que atraia atenção mesmo fora de Boston.

— Provavelmente vão começar a vaiar-me daqui a nada — diz ele, com um ar abatido. — Perdemos com os Islanders ontem à noite. A pontuação final foi cinco-quatro.

— Sim, mas *tu* fizeste um *hat trick* — contrapõe a Hannah. — Qualquer pessoa que vaie um jogador com um *hat trick* é um idiota chapado.

— É possível ser-se idiota sem se ser chapado? — pergunta o Dean, sorrindo.

— Oh, cala a boca, Di Laurentis. Tu percebeste.

Quando mais pessoas começam a olhar e a apontar para o Garrett, a Allie pergunta em tom provocador:

— Qual é a sensação de ser famoso?

— Diz-me tu — contrapõe o G.

— Ah. Não sou assim *tão* famosa — diz a pessoa com um papel numa série da HBO.

A série em que a Allie participa é baseada num livro do qual gostei bastante e, apesar de ficar feliz por ela ter trabalho como atriz, acho secretamente que o livro foi melhor.

O livro é sempre melhor.

— Para de ser tão modesta! — A Summer desliza um braço à volta da Allie, que é uns bons centímetros mais baixa do que ela. — Pessoal, vi-a assinar *quatro* autógrafos esta noite. Ela é uma estrela.

— Ainda só transmitiram metade da temporada — protesta a Allie. — Ainda nem sabemos se vão dar continuidade à série.

— Claro que vão — diz o Dean, como se essa questão nem estivesse aberta a debate.

A Summer solta a Allie e volta para junto de mim, encostando uma mão ao meu braço. Não se trata de um toque possessivo, nem nada do género, mas dou-me conta de que o Garrett e o Hunter se apercebem.

O Dean não repara, graças a Deus, porque a Allie está a puxá-lo para mais uma dança antes da contagem decrescente.

Ao meu lado, o Hollis examina a sala com um grau de intensidade surpreendente para um tipo bêbedo.

— Tenho de decidir quem quero que enfie a língua na minha boca à meia-noite — anuncia ele.

— Que elegância — espicaça a Summer.

Ele solta um uivo.

— Se jogares bem as tuas cartas, essa língua pode ser a tua.

Ela deixa cair a cabeça para trás e ri-se em jeito de resposta.

Felizmente, o Hollis tem um ego revestido de aço. Encolhe os ombros e afasta-se, e a maior parte dos outros rapazes também dispersa. O Pierre, o nosso franco-canadiano residente, e o Matt Anderson, um defesa júnior, dirigem-se ao balcão. Só o Garrett e a Hannah se mantêm no mesmo lugar. E o Hunter, que tem uma cerveja na mão e o telemóvel na outra. Está a fazer um vídeo da multidão para publicar numa *story* do *Snapchat*.

— E tu? — pergunta a Summer ao Hunter. — Vi-te a dançar com sete raparigas diferentes esta noite. Qual vais beijar?

— Nenhuma delas. — Ele baixa o telemóvel e os seus olhos azuis revelam total seriedade. — Não dou beijos na noite da passagem de ano. As miúdas tentam sempre arranjar um significado para o beijo que não existe.

A Summer revira os olhos com tanta força que fico admirado por ela não rasgar um músculo.

— Claro que sim. Porque todas as mulheres começam a planear o casamento depois de *um* beijo. — Olha de relance para a Hannah, que se ri. — Queres ir à casa de banho? Quero retocar a maquilhagem antes da contagem decrescente. O meu *lip gloss* tem de estar *perfeito* para quando beijar o meu futuro marido à meia-noite. — Ela revira novamente os olhos na direção do Hunter.

Ele pisca-lhe o olho, imperturbável.

— É melhor apressares-te, Lourinha. Só faltam dezasseis minutos. — Ele aponta para o enorme relógio digital pendurado sobre a estação do DJ.

— Já volto. — A Hannah dá um beijo ao Garrett e depois segue atrás da Summer.

— Preciso de voltar a encher o copo — digo ao Garrett. Depois aponto para as suas mãos vazias. — E tu precisas de uma bebida.

Ele acena com a cabeça e deixamos o Hunter na mesa enquanto nos encaminhamos para o balcão. Paramos na ponta mais afastada do bar, onde há menos barulho, perto da entrada em arco que conduz às casas de banho.

Peço duas bebidas e pago com dinheiro. Quando dou meia-volta, vejo o Garrett a olhar atentamente para mim.

— O que foi? — pergunto, constrangido.

— O que se passa entre ti e a Summer?

— Nada. — Foda-se. Respondi depressa demais?

— Mentiroso. Respondeste depressa demais.

Caramba.

O tom de voz dele torna-se cauteloso.

— Quando ela te pôs as mãos em cima ali atrás... não pareceste importar-te.

Tem razão. *Não* me importei. Da última vez que vi a Summer, tomei uma decisão consciente de manter a distância. Esta noite, deixei-a tocar-me no braço. Partilhei uma bebida com ela. Para ser sincero, se gostasse de dançar, provavelmente tê-la-ia deixado puxar-me para a pista de dança.

— Ela... bem, ela acha-me piada — respondo, lentamente.

O Garrett ri-se.

— Não me digas, meu. Aquela miúda quer pinar contigo.

— Eu sei. — A culpa provoca-me um ardor na garganta. Espero não lhe ter dado falsas esperanças esta noite. — Não te preocupes — asseguro-lhe. — Não vai acontecer.

Ele parece perplexo.

— Porque haveria de estar preocupado? — Ele arqueia as sobrancelhas. — Espera lá. És capaz de estar a interpretar-me mal. Não te estou a avisar para te manteres longe dela. Eu acho que isso é *bom*.

Franzo os lábios.

— Achas?

— Claro que acho. Em primeiro lugar, tu nunca te enrolas com ninguém.

Contenho uma gargalhada. Isso não é verdade. Eu pino muitas vezes. Só não falo sobre isso.

— Em segundo lugar, a Summer é gira. É divertida. E é boa conversadora. — Ele encolhe os ombros. — Ela pode ser precisamente aquilo de que precisas. Mas terias de falar primeiro com o Dean. Ele acha-a uma pirralha, mas é bastante protetor em relação a ela.

Falar com o Dean? Do género, pedir permissão ao Dean para pinar com a irmã mais nova dele? O Garrett deve estar maluco se acha...

O meu processo de raciocínio é interrompido.

— Estás a falar de mais do que uma relação casual — digo.

— Sim. Ela é irmã do Dean. Ele matava-te se não o fizesses.

— Não vou namorar com ela, G.

— Porque não? — Ele estica o braço para pegar nas nossas cervejas e entrega-me uma.

Rodo a tampa e bebo um gole demorado antes de responder.

— Porque ela não faz o meu género. Não temos absolutamente nada em comum.

— Ela gosta de hóquei — comenta ele. — É um começo.

— E talvez seja o fim — respondo, secamente. — Eu crio e avalio videojogos. Gosto de artes. Estou cheio de tatuagens e assisto a documentários de crime na Netflix de uma assentada. E ela é... nem sei. — Tento arranjar um adjetivo. — É obcecada por sapatos, segundo o Dean. E ele insiste que ela tem uma compulsão por compras.

— Pronto. Ela gosta de moda. Algumas pessoas consideram isso arte.

Rio-me.

— Estás a viajar na maionese.

— E tu estás a julgar. Ela parece boa miúda, Fitz.

— Meu, ela foi expulsa da Brown por andar sempre na farra. Ela é uma miúda de festas. Pertence a uma república.

Enumero um motivo atrás do outro, porque o meu pénis continua semiduro e estou a tentar desesperadamente arranjar motivos para não ir para a cama com a Summer.

— Ela é... fútil — concluo.

— Fútil.

— Sim, fútil. — Encolho os ombros, desesperado. — Leva as coisas pouco a sério. É superficial.

O Garrett faz uma pausa durante vários minutos, sondando-me o rosto.

Observa-me durante tanto tempo que começo a mexer na manga do casaco, sentindo-me um espécime debaixo do microscópio dele. Odeio a sensação intrusiva dos seus olhos cravados em mim. É uma cicatriz deixada da infância, uma necessidade de me fundir com a parede, de ser invisível.

Estou a dois segundos de lhe dizer para parar com isso quando ele começa a rir-se.

— Oh, eu entendo. Estava a perder o meu tempo ao tentar impingi-la a ti. Tu já foste apanhado. — Os olhos cinzentos dele cintilam de felicidade. — Tu já tens uma paixoneta pela irmã do Dean.

— Népia — respondo, mas, na melhor das hipóteses, o que me sai é uma negação fraca.

— A sério? Porque parece que estás a tentar convencer-te de que ela não é a mulher certa para ti. — Ele sorri. — Está a resultar?

Suspiro, derrotado.

— Mais ou menos? Quero dizer, consegui estar a noite toda sem lhe pôr as mãos em cima.

A minha resposta arranca-lhe uma gargalhada.

— Olha, Colin. Posso tratar-te por Colin? — Ele fica de boca aberta. — Porra, acabei de me dar conta de que *nunca te tratei por Colin*.

O Garrett emudece do choque até eu deixar escapar um suspiro de impaciência.

— Desculpa — diz ele. — Fiquei abismado. Adiante, Fitzy. Na teoria, eu e a Wellsy não parecíamos resultar, certo? Mas resultamos, não?

Ele tem razão. Quando os vi juntos pela primeira vez, não consegui entender. A Hannah estava a tirar uma licenciatura em Música. O Garrett era um atleta armado em esperto. São opostos em tantos sentidos, mas, mesmo assim, funcionam como casal.

Já eu e a Summer... nem sequer estamos em sintonia. Daquilo que vi e daquilo que o Dean me contou, ela é uma melodramática de primeira. Gosta de ser sempre o centro das atenções. Já eu fujo delas. Já é mau o suficiente os nossos jogos serem transmitidos na televisão todas as sextas-feiras à noite na estação local de Nova Inglaterra. E os mais importantes são transmitidos pela ESPN. Sinto vontade de me encolher quando penso nos estranhos que estão a observar-me a patinar e a andar aos empurrões num ecrã gigante.

— Tudo o que digo é para manteres a mente aberta. Não lutes contra o que sentes. — Ele dá-me uma palmada no ombro. — Deixa acontecer.

*Deixa acontecer.*

Caramba, podia acontecer mesmo. Tudo o que eu teria de fazer era sorrir para a Summer e ela cair-me-ia nos braços. Ela já demonstrou sinais de interesse suficientes. Mas...

Penso que tudo se resume ao facto de ela ser areia demais para a minha camioneta.

Jogo hóquei. Sou bastante inteligente. Sou bonito, a avaliar pelo meu sucesso com as raparigas.

Mas, no fim de contas, sou aquele miúdo cromo que se fechava no quarto a jogar videojogos, tentando fingir que os pais não andavam às turras.

Na escola secundária, houve um breve período em que tentei expandir horizontes. Comecei a andar com um grupo de miúdos rebeldes que gostavam de se manifestar contra toda e qualquer causa. Mas essa associação teve um fim abrupto quando eles se meteram numa zaragata com uns miúdos de uma escola das redondezas e metade do grupo foi detido por atos de violência. Depois disso, rapidamente voltei ao meu estado de isolamento, não apenas para salvar o meu lugar na equipa de hóquei, mas também para não dar ainda mais munições novas aos meus pais. Fiquei a ouvi-los gritar um com o outro durante duas horas para tentar decidir de quem era a culpa de eu me ter juntado a um «grupo de badamecos». Era mais fácil ser solitário.

Escusado será dizer que não tinha miúdas como a Summer a atirarem-se a mim. E não ia a festas com os meus colegas de equipa depois dos jogos de hóquei, por isso nem as fãs mais fervorosas gastavam energia comigo.

Na faculdade, fiz um esforço maior para ser sociável, mas, no fundo, continuo a ser o rapaz que quer permanecer invisível.

Já a Summer é a pessoa mais visível que alguma vez conheci.

Mas o Garrett tem razão. Estou a ser um sacana preconceituoso. Ela pode parecer um tanto mimada e superficial às vezes, mas merece uma oportunidade. Toda a gente merece.

A Hannah já voltou para a mesa quando eu e o Garrett regressamos aos nossos lugares.

— Está quase! — repreende ela, apontando para o enorme relógio. Faltam dois minutos para a meia-noite.

Franzo o sobrolho, porque a Summer não está com ela. Caramba. Onde é que ela se meteu?

Decidi seguir o conselho que o G me deu e deixar de lutar contra os meus sentimentos. Vou ceder e dar-lhe um beijo absolutamente arrebatador quando o relógio bater as doze badaladas, e depois vemos o que acontece.

— Falta um minuto, meninos e meninas! — anuncia o DJ.

Percorro a sala com o olhar. Não encontro a Summer em lado nenhum.

Quero perguntar à Hannah onde ela está, mas a Hannah tem os braços à volta do pescoço do G e eles só têm olhos um para o outro.

— Trinta segundos! — grita o DJ.

À minha volta, as pessoas começam a reunir-se em redor do seu grupo de amigos. A Allie e o Dean já estão aos beijos. O Hollis está com a morena com quem estava a dançar há pouco.

E eu continuo sem sinais da Summer.

— DEZ! — gritam em uníssono.

Começa a contagem decrescente dos números vermelhos do relógio acompanhada dos gritos do público.

— NOVE!

A cada segundo que passa, sou acometido por uma nova onda de desapontamento.

— OITO! SETE!

Até que a encontro. Ou pelo menos julgo que é ela. As luzes são desligadas, percorrendo em ziguezagues a multidão de corpos que enche o bar. Cada *flash* de luz ajuda-me a conseguir ter uma visão melhor da rapariga que está encostada à parede.

— SEIS! CINCO!

Vestido branco. Sabrinhas vermelhas. Rabo de cavalo.

— QUATRO! TRÊS!

É decididamente a Summer.

— DOIS!

Mas não está sozinha.

— UM!

Afasto o olhar no momento em que a boca ávida do Hunter colide com os lábios perfeitos da Summer.

— FELIZ ANO NOVO!

# 4

## Fitz

Acordo na manhã seguinte sem ressaca. É o que dá quando só bebemos três cervejas e voltamos para o quarto de hotel antes da uma da manhã.

Na véspera de Ano Novo.

Não sou o exemplo de bom comportamento?

O meu telemóvel informa-me de que tenho dezenas de mensagens e chamadas perdidas. Arrasto uma mão pelo cabelo despenteado e deito-me de costas para ler as notificações.

Recebi uma mensagem de cada um dos meus pais exatamente à meia-noite. Consigo imaginá-los sentados cada um em sua casa às 23h59, com as mãos a pairar sobre os telemóveis como se estivessem a preparar-se para tocar no botão do *Family Feud*, os dois desesperados para serem o primeiro a enviar a mensagem. São altamente competitivos.

**Mãe:** Feliz Ano Novo, amor!! Amo-te muitooooo! Vai ser o melhor ano de sempre! O TEU ano! Whoo-hoo!

Valha-me Deus. As mães não podem dizer «whoo-hoo». A mensagem do meu pai não é muito melhor.

**Pai:** Feliz Ano Novo. Está no papo.

Está no papo? O quê? Pais a tentarem ser porreiros é todo um outro nível de vergonha alheia.

As mensagens dos meus amigos são mais divertidas.

**Hollis:** Onde raio te meteste? A feta só está a começar

**Hollis:** \*peta

**Hollis:** \*nesta

**Hollis:** Festa!!! Merda para o telemóvel

**Garrett:** Feliz Ano Novo!! Onde te meteste, Colin??

(Continua a ser estranho chamar-te assim)

O Logan e o Tucker, os meus antigos colegas de equipa, enviam mensagens a desejar bom Ano Novo para os nossos vários grupos de conversa. O Tuck e a Sabrina incluem uma fotografia da bebé deles e recebem milhares de *emojis* com coração nos olhos dos nossos amigos.

O Pierre escreve qualquer coisa em francês.

Os meus colegas de equipa enchem a conversa de felicitações e vídeos aleatórios, impossíveis de ouvir, das várias festas onde se encontravam.

Não vejo o nome de um dos nossos colegas de equipa na conversa de grupo, nem no meu telemóvel. Que choque. Não há notícias do Hunter.

Aposto que estava demasiado ocupado para enviar mensagens a quem quer que fosse ontem à noite.

Ocupado, ocupado, ocupado.

Ignoro o aperto que sinto no peito e afastado da cabeça os pensamentos sobre o Hunter e sobre a sua noite ocupadíssima. Continuo a fazer *scroll* no telemóvel.

Uma rapariga que conheci na escola secundária envia-me uma mensagem genérica. Por algum motivo, ela ainda tem o meu nome na lista de contactos, por isso, sempre que há um feriado, recebo uma mensagem dela.

O Hollis envia mais algumas mensagens que me fazem rir.

**Hollis:** Yo. O bar vai fechar. Onde estás? A receber um broche ou quê?

**Hollis:** *After-party* em casa do Danny. Novo amigo. Vais gostar dele

**Hollis:** Então, OK

**Hollis:** Vou assumir que quinaste

**Hollis:** Espero que não tenhas quinado! Adoro-te, meu. Novo ano, novo nós. Juro.

Cum caraças. Alguém tem de confiscar o telemóvel daquele gajo quando ele está com a piela. Ainda a rir-me, clico na mensagem seguinte da minha caixa de entrada. É do Dean.

O meu bom humor desvanece quando leio a mensagem.

**Dean:** Feliz Ano Novo!! Queria ter falado contigo antes de te teres ido embora. Preciso de um grande favor, meu.

**Dean:** Ainda estão à procura de um quarto colega de casa?

## Uma nova vida, três novos companheiros de casa... e uma atração difícil de ignorar

Summer Di Laurentis acabou de chegar à Briar U para estudar Design de Moda depois de um período conturbado noutra universidade e, ao ser rejeitada pela república feminina e sem vaga na residência universitária, vê-se sem ter onde morar. A única solução é partilhar casa com três jogadores de hóquei no gelo, amigos do seu irmão mais velho. Mas há um problema: é que um deles é Colin Fitzgerald, mais conhecido por Fitz, um rapaz por quem ela tem um fraquinho há anos.

Fitz é um tímido jogador de hóquei e criador de videojogos que se sente inesperadamente cativado por Summer, mas para quem é difícil expressar os sentimentos, tornando as interações entre os dois complicadas. E, como se isso não bastasse, descobre que outro dos seus colegas está interessado nela.

Summer, por seu lado, nunca foi de andar atrás de rapaz nenhum, por isso decide concentrar-se nas aulas e no seu futuro, pondo de lado a atração que sente. Afinal, se o seu atraente e melancólico companheiro de casa ganhar juízo e perceber o que está a perder, ele saberá onde encontrá-la.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 topseller.suma

 penguinlivros

ISBN: 978-989-589-090-3



9 789895 690903